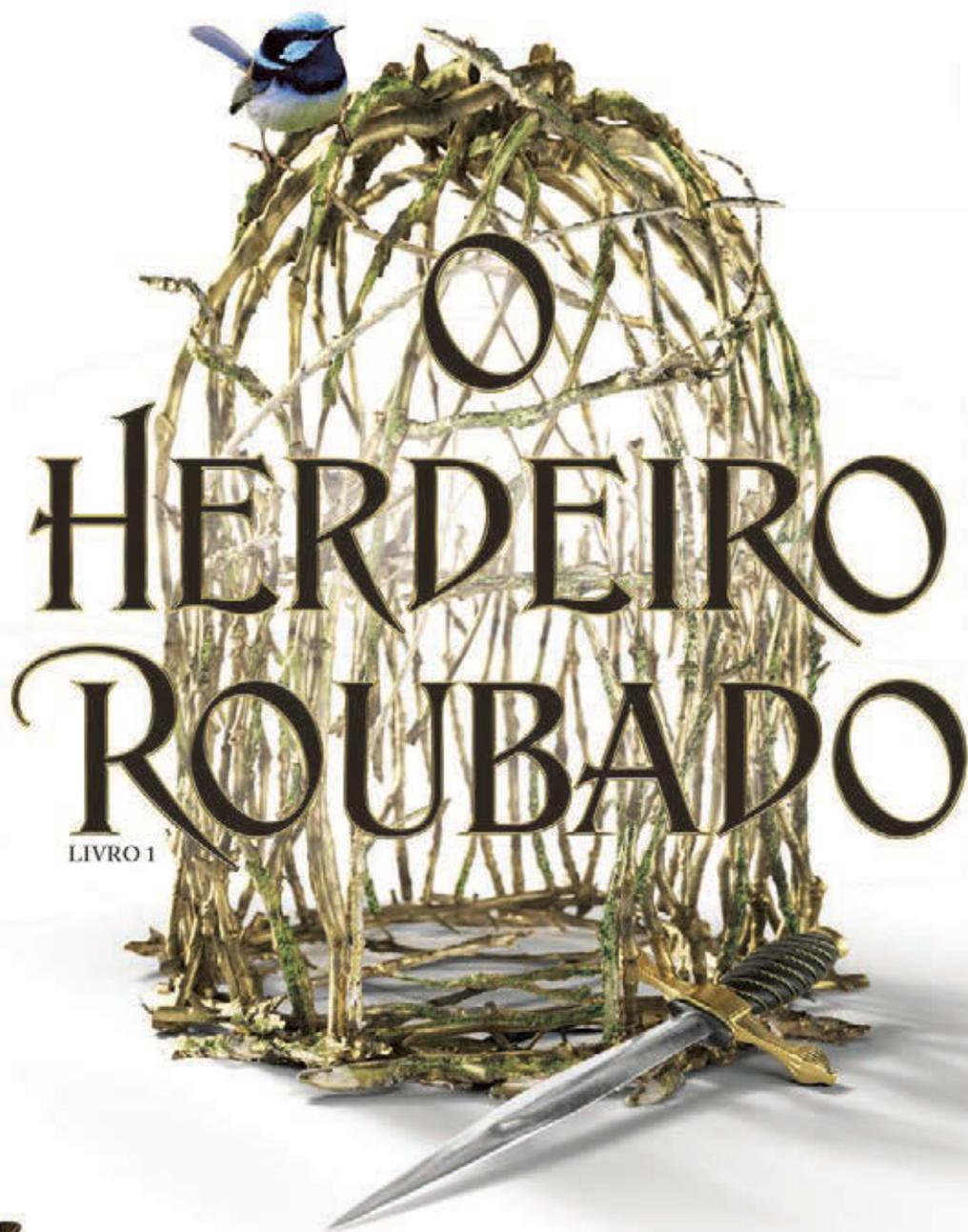


AUTORA SENSACÃO DA FANTASIA YA  
**HOLLY BLACK**



LIVRO 1

SECRET  
SOCIETY



SECRET SOCIETY

TRIGGER WARNINGS

Abuso

Confinamento

Morte

Rapto

Sangue e cenas gráficas

Tortura

Trauma

Violência

HOLLY BLACK

O  
HERDEIRO  
ROUBADO



SECRET  
SOCIETY



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

O HERDEIRO ROUBADO

Título original: *The Stolen Heir*

© 2023, Holly Black

Publicado por Little, Brown and Company,  
chancela de Hachette Book Group, Inc., Nova Iorque.  
Todos os direitos reservados.

© desta edição:

2024, Penguin Random House Grupo Editorial, Unipessoal, Lda.  
Publicado por acordo com Baror International, Inc.,  
Armonk, Nova Iorque, EUA.

Secret Society é uma chancela de  
Penguin Random House Grupo Editorial  
Rua Alexandre Herculano, 50, 3.º, 1250-011 Lisboa, Portugal  
correio@penguinrandomhouse.com  
penguinlivros.pt

Penguin Random House Grupo Editorial apoia a proteção do *copyright*.  
Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico,  
fotográfico, eletrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados,  
difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal  
como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

Editor: Rodrigo Manhita  
Coordenação Editorial: Inês Martins  
Tradução: Renato Carreira  
Revisão: Cátia Loureiro  
Paginação: Raquel Silva  
Adaptação de capa: Wonder Studio / Carolina Leonardo  
Capa: Karina Granda  
Ilustração da capa: © 2023 Sean Freeman / © 2023 Hachette Book Group, Inc.  
Ilustrações verso de capa: © Magdalena Pagowska  
Ilustração da cinta: Eydi Lily  
Fotografia da autora: Sharona Jacobs  
Ilustrações do interior: Kathleen Jennings

1.ª edição: maio de 2024  
Depósito legal: 530543/24  
ISBN: 978-989-787-215-0

Impressão e acabamento: Publito

TB72150

*Para a Robin Wasserman,  
que tem a maldição (e a bênção)  
da Visão Verdadeira.*

Mapa  
das  
Terras Mortais  
Percorridas Nesta  
História

Corte  
dos  
Dentes

Floresta  
de Pedra

Mercado  
Undry

Corte  
das  
Térmitas

Fairfold

Floresta  
de Wren

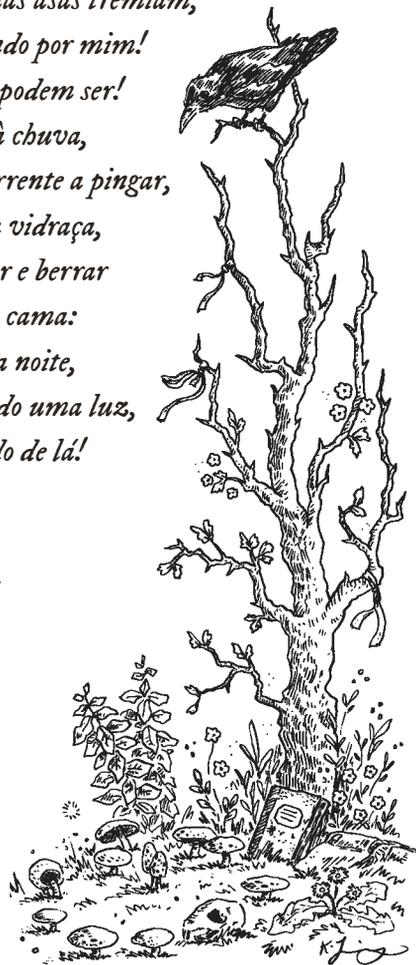
Corte  
das  
Traças

Mapa das Ilhas Inconspicuas de  
ELFHAME



*Uma noite, também, junto à lareira no quarto das crianças,  
Aconchegávamo-nos e sentávamo-nos tão quietos,  
Quando, de repente, o vento soprou mais forte,  
Algo arranhou o parapeito da janela,  
Uma face castanba e contorcida espreitou — estremeci;  
Ninguém ouvia ou parecia ver;  
Os seus braços agitavam-se e as suas asas tremiam,  
Uuuu — sabia que tinha vindo por mim!  
Alguns são tão maus como podem ser!  
Toda a noite dançaram à chuva,  
Dando voltas e voltas numa corrente a pingar,  
Lançaram os seus bonés à vidraça,  
Tentaram fazer-me gritar e berrar  
E atirar as cobertas da cama:  
Quis ficar deitada nessa noite,  
E se ao menos tivesses deixado uma luz,  
Nunca me teriam tirado de lá!*

Charlotte Mew,  
*The Changeling*





## PRÓLOGO



Um transeunte descobriu uma criança pequena sentada no betão frio de uma viela, a brincar com o invólucro de uma embalagem de comida de gato. Quando a levaram ao hospital, os seus membros estavam azuis de frio. Era uma coisinha mirrada, demasiado magra, feita de paus.

Só conhecia uma palavra, o seu nome. Wren.

À medida que foi crescendo, a sua pele manteve uma ligeira tonalidade azulada, que fazia lembrar leite magro. Os seus pais adotivos agasalhavam-na com casacos e sobretudos, luvas com e sem dedos, mas, ao contrário da irmã, nunca tinha frio. A cor dos seus lábios mudava como um anel de humor. Continuavam azulados e roxos mesmo no verão e ficavam cor-de-rosa apenas quando estava perto de uma fogueira. E podia brincar na neve durante horas, a construir túneis complicados e a lutar contra pingentes de gelo. Voltava para casa só quando a chamavam.

Embora parecesse ossuda e anémica, era forte. Quando fez 8 anos, conseguia levantar sacos de compras com que a sua mãe adotiva tinha dificuldades. Aos 9 anos, desapareceu.





Em criança, Wren lia muitos contos de fadas. Por isso, quando os monstros vieram, ela soube que acontecia porque tinha sido malvada.

Entraram pela janela, empurrando o batente e cortando a tela tão silenciosamente que ela continuou a dormir, enrolada na sua raposa de peluche favorita. Só acordou quando sentiu as garras a tocarem-lhe no tornozelo.

Antes de poder soltar o primeiro grito, dedos taparam-lhe a boca. Antes que pudesse dar o primeiro pontapé, as suas pernas estavam presas.

— Vou largar-te — disse uma voz dura com um sotaque pouco familiar. — Mas se acordares alguém nesta casa, vais certamente arrepender-te.

Aquilo também parecia um conto de fadas, o que fez Wren reçar quebrar as regras. Ficou totalmente quieta e imóvel, mesmo quando a soltaram, embora o seu coração batesse tão forte e rápido que parecia possível que fosse suficientemente alto para fazer a sua mãe vir ali.

Uma parte egoísta dela desejava que assim fosse, desejava que a mãe viesse, acendesse uma luz e banisse os monstros. Isso não seria quebrar as regras, pois não, se fosse apenas o tropejar do seu coração a acordá-la?

— Senta-te — ordenou um dos monstros.

Obedientemente, Wren sentou-se. Mas os seus dedos trémulos enterraram a raposa de peluche nos cobertores.

Olhar para as três criaturas que ladeavam a cama fê-la tremer incontrolavelmente. Duas eram seres altos e elegantes, com a pele cinzenta como pedra. A primeira, uma mulher com uma cascata de cabelo pálido presa numa coroa de

obsidiana recortada, vestia um vestido de um material prateado que flutuava à sua volta. Era linda, mas a boca cruel advertiu Wren para não confiar nela. O homem combinava com a mulher como se fossem peças num tabuleiro de xadrez. Tinha uma coroa preta e roupas do mesmo material prateado.

Ao lado deles estava uma criatura enorme e imponente, magra, com a pele pálida como um cogumelo e uma cabeça cheia de cabelo preto desgrenhado. Mas o que era mais notável eram os seus longos dedos em forma de garra.

— És nossa filha — proferiu um dos monstros de rosto cinzento.

— Pertences-nos — disse o outro com voz rouca. — Nós fizemos-te.

Sabia da existência de *pais biológicos*, que a irmã tinha, pessoas simpáticas que vinham visitá-la e que se pareciam com ela, e que, por vezes, traziam avós, dónutes ou presentes.

Também tinha desejado ter os seus próprios pais biológicos, mas nunca tinha pensado que o seu desejo pudesse provocar um pesadelo como aquele.

— Então — disse a mulher da coroa. — Não tens nada a dizer? Estás demasiado maravilhada com a nossa majestade?

A criatura de dedos em garra produziu um grunhido baixo e indelicado.

— Deve ser isso — disse o homem. — Como ficarás grata por seres levada para longe de tudo isto, criança trocada. Levanta-te. Apressa-te.

— Para onde vamos? — perguntou Wren. O medo fê-la afundar os dedos nos lençóis, como se pudesse agarrar-se à vida anterior àquele momento se os apertasse com força suficiente.

— Para Faerie, onde serás uma rainha — disse a mulher, com um rosnado na voz onde deveria haver sedução. — Nunca sonhaste com alguém que viesse ter contigo e te



dissesse que não eras uma criança mortal, mas sim uma criança feita de magia? Nunca sonhaste em ser levada da tua pequena e patética vida para uma de imensa grandeza?

Wren não podia negar que sim. Acenou com a cabeça. As lágrimas ardiam-lhe no fundo da garganta. Era aquilo que tinha feito de errado. Era aquela a maldade do seu coração que tinha sido descoberta.

— Eu paro — sussurrou ela.

— O quê? — perguntou o homem.

— Se eu prometer que nunca mais peço desejos desses, posso ficar? — perguntou ela, com a voz a tremer. — Por favor?

A mão da mulher aplicou um estalo tão forte na cara de Wren que soou como um trovão. A bochecha doeu-lhe, e apesar de as lágrimas lhe arderem nos olhos, estava demasiado chocada e zangada para as deixar cair. Nunca ninguém lhe tinha batido antes.

— Chamas-te Suren — disse o homem. — E nós somos os teus criadores. O teu pai e a tua mãe. Eu sou o lorde Jarel e ela, a senhora Nore. Esta que nos acompanha é Bogdana, bruxa da tempestade. Agora que sabes o teu verdadeiro nome, deixa-me mostrar-te a tua verdadeira face.

Lorde Jarel estendeu a mão para ela, fazendo um movimento de rasgar. E ali, escondido, estava o seu eu monstruoso, refletido no espelho sobre a cómoda: a sua pele de leite desnatado cedeu lugar a uma carne azul-pálida, da mesma cor das veias ocultas. Quando abriu os lábios, viu dentes afiados de tubarão. Só os seus olhos eram do mesmo verde musgoso, grandes e a olhar para ela com horror.

*O meu nome não é Suren, quis dizer. E isto é um truque. Esta não sou eu.* Mas, mesmo enquanto pensava nessas palavras, percebeu como Suren era semelhante ao seu próprio nome. Suren. Ren. Wren. Uma abreviatura infantil.

*Criança trocada.*



— Levanta-te — disse a criatura enorme e imponente, com unhas tão longas como facas. *Bogdana*. — Tu não pertences a este lugar.

Wren ouvia os ruídos da casa, o zumbido do aquecedor, o raspar distante das unhas do cão da família enquanto arranhava o chão no seu sono inquieto, correndo em sonhos. Tentava memorizar todos os sons. Com o olhar turvado pelas lágrimas, retinha na memória o seu quarto, dos títulos dos livros nas prateleiras até aos olhos vidrados das bonecas.

Acariciou uma última vez o pelo sintético da raposa e empurrou-a para baixo, mais para o fundo das cobertas. Se ficasse ali, estaria a salvo. Deslizou para fora da cama, a tremer.

— Por favor — disse outra vez.

Um sorriso cruel torceu o canto da face de lorde Jarel.

— Os mortais já não te querem.

Wren abanou a cabeça, porque aquilo não podia ser verdade. A sua mãe e o seu pai *amavam-na*. A mãe cortava-lhe a côdea das sandes e beijava-a na ponta do nariz para a fazer rir. O pai aconchegava-se com ela para ver filmes e depois levava-a para a cama, quando adormecia no sofá. Sabia que eles a amavam. E, no entanto, a certeza com que lorde Jarel falava avivava-lhe o terror.

— Se admitirem que desejam que fiques com eles — disse a senhora Nore, com a voz suave pela primeira vez —, então podes ficar.

Wren saiu para o corredor, com o coração frenético, e correu para o quarto dos pais como se tivesse tido um pesadelo. O barulho dos pés a arrastarem-se e a sua respiração irregular acordou-os. O pai sentou-se e sobressaltou-se. Pôs um braço protetor sobre a mãe, que olhou para Wren e gritou.



— Não tenham medo — disse ela, enquanto dava a volta à cama e apertava os cobertores nos seus pequenos punhos. — Sou eu, a Wren. Eles fizeram-me alguma coisa.

— Afasta-te, monstro! — gritou o pai. Parecia tão assustador que a fez recuar contra a cómoda. Ela nunca o tinha ouvido gritar daquela maneira, muito menos com ela.

As lágrimas escorriam-lhe pelas bochechas abaixo.

— Sou eu — disse ela outra vez, com a voz embargada. — A vossa filha. Vocês amam-me.

O quarto estava exatamente como sempre tinha estado. Paredes bege-pálidas. Cama de casal com pelo de cão castanho a sujar o edredão branco. Uma toalha ao lado do cesto da roupa suja, como se alguém a tivesse atirado e falhado. O odor da fornalha e o cheiro oleoso de um creme usado para tirar maquiagem. Mas era a versão de pesadelo de um espelho distorcido, em que todas aquelas coisas se tinham tornado horríveis.

Lá em baixo, o cão ladrou, dando um alerta desesperado.

— Estão à espera de quê? Levem essa coisa daqui para fora — rosnou o pai, enquanto olhava para a senhora Nore e para lorde Jarel, como se estivesse a ver outra coisa que não eles, alguma autoridade humana.

A irmã de Wren apareceu no corredor a esfregar os olhos, claramente acordada pelos gritos. Rebecca ajudaria, sem dúvida, a mesma Rebecca que garantia que ninguém a maltratava na escola, que a levava à feira, mesmo que mais ninguém pudesse levar a irmã mais nova. Mas, quando viu Wren, Rebecca saltou para a cama com um grito de horror e abraçou a mãe.

— Rebecca — sussurrou Wren, mas a irmã apenas enfiou a cara mais fundo na camisa de dormir da mãe. — Mãe — implorou, com as lágrimas a asfixiar-lhe a voz, mas a mãe não olhava para ela. Os ombros de Wren tremiam ao mesmo tempo que soluçava.

— *Esta é a nossa filha* — disse o pai, abraçando Rebecca com força, como se Wren estivesse a tentar enganá-lo.

Rebecca, que também tinha sido adotada. Que devia ter sido exatamente tão deles como ela.

Wren arrastou-se para a cama, chorando tanto que mal conseguiu dizer alguma coisa. *Por favor, deixem-me ficar. Vou portar-me bem. Desculpem, desculpem, desculpem pelo que tiver feito, mas não podem deixar que me levem. Mamã. Mamã. Mamã, eu amo-te, por favor, mamã.*

O pai tentou empurrá-la para trás com o pé, pressionando-lho contra o pescoço. Mas ela estendeu os braços para ele, mesmo assim, com a voz a transformar-se num guincho.

Quando os seus pequenos dedos lhe tocaram na barriga da perna, ele deu-lhe um pontapé no ombro, que a atirou ao chão. Mas ela limitou-se a rastejar para ele, chorando e suplicando enquanto se lamentava de sofrimento.

— Chega — disse Bogdana, rouca. Puxou Wren contra ela e passou-lhe uma das suas longas unhas sobre a bochecha, com algo parecido com gentileza. — Vem, criança. Eu levo-te ao colo.

— Não — disse Wren, os dedos a torcerem-se nos lençóis. — Não. Não. Não.

— Não é justo que os humanos te tenham tocado com violência, a ti que és nossa — disse lorde Jarel.

— Nossa para magoar — concordou a senhora Nore. — Nossa para punir. Nunca deles.

— Deverão morrer pela ofensa? — perguntou lorde Jarel, e a única coisa que quebrou o silêncio no quarto foi o choro de Wren. — Devemos matá-los, Suren? — voltou a perguntar, mais alto. — Deixar entrar o cão de estimação deles e encantá-lo para que se volte contra eles e lhes rasgue as gargantas com os dentes?

Quando ouviu isto, o choro de Wren cessou com espanto e ultraje.



— Não! — gritou ela. Sentia-se sem controle.  
 — Então ouve isto e para de chorar — disse-lhe lorde Jarel.  
 — Virás connosco de boa vontade, ou matarei todos os que estão naquela cama. Primeiro a criança, depois os outros.  
 Ouviu Rebecca choramingar de medo. Os pais humanos de Wren observaram-na com horror renovado.  
 — Eu vou — disse Wren por fim, com uma voz de choro que não conseguia parar. — Já que ninguém me ama, vou.  
 A bruxa da tempestade levantou-a e partiram.



Wren foi descoberta pelas luzes intermitentes de um carro-patrolha dois anos mais tarde, enquanto caminhava ao longo da berma de uma estrada. As solas dos seus sapatos estavam tão gastas como se ela as tivesse gastado completamente a dançar, a sua roupa estava enrijecida por sal do mar e cicatrizes marcavam-lhe a pele dos pulsos e bochechas.

Quando o agente tentou perguntar-lhe o que tinha acontecido, não quis ou não conseguiu responder. Rosnava a quem se aproximasse, escondia-se debaixo da cama do quarto para onde a levaram e recusava-se a dizer o nome ou a morada à senhora que trouxeram com eles.

Os seus sorrisos doíam. Tudo doía.

Quando viraram as costas, desapareceu.

## FAERIE CHAMA-TE DE VOLTA... IRRESISTÍVEL E VICIANTE.



Aos 17 anos, Oak, o belo e manipulador príncipe herdeiro de Elfhame, é um rapaz em busca das suas próprias batalhas e paixões.

Suren (ou Wren) é a rainha da Corte dos Dentes. Outrora sua prometida, vive refugiada no mundo humano para fugir aos traumas do seu passado.

Os seus caminhos cruzam-se numa missão inesperada e Suren vai precisar de proteger o seu coração dos sentimentos que um dia teve por Oak. Um novo lado de Faerie revela-se entre magia, monstros e vingança, nesta nova série épica de Holly Black.



### REGRESSA OU COMEÇA A DESCOBRIR ELFHAME, UM UNIVERSO MARAVILHOSO, PLENO DE INTRIGAS, TRAIÇÕES E DESEJOS PERIGOSOS.



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[seekthebutterfly.pt](https://www.seekthebutterfly.pt)  
[secretsociety.pt](https://www.secretsociety.pt)  
#seekthebutterfly

ISBN 9789897872150



9 789897 872150 >

